

V.20 n°43 (2024)

REVISTA DA  
**AN  
PE  
GE**

ISSN 1679-768X

a

**ANPEGE**

---

Associação Nacional  
de Pós-graduação e  
Pesquisa em Geografia



**Dossiê América Latina e Caribe**

## **Os territórios do trabalho dos migrantes haitianos no Paraná**

*Los territorios laborales de los migrantes haitianos en Paraná*

*Employment territories of haitian migrants in Paraná*

DOI: 10.5418/ra2024.v20i43.18403

**LINEKER ALAN GABRIEL NUNES**

Instituto Federal do Paraná - IFPR

**IDENI TEREZINHA ANTONELLO**

Universidade Estadual de Londrina

**V.20 n°43 (2024)**

e-issn : 1679-768X

**RESUMO:** A migração haitiana para o Brasil, de natureza transnacional, advém de variados fatores explicativos oriundos da herança colonial francesa e, mais tarde, da vinculação político-econômica com os Estados Unidos, que situaram o Haiti historicamente como um país de emigração. No Paraná, o fluxo de haitianos se constitui o maior movimento migratório ocorrido em décadas. A difusão da população do país caribenho se deu por várias regiões do Estado, adquirindo grande amplitude e tendo como elemento comum a busca por trabalho e melhores condições de vida. Diante disso, o objetivo do presente artigo é investigar o Estado do Paraná como sendo território migrante, no bojo das migrações contemporâneas que atraíram para esse território migrantes provenientes do sul global (especialmente Haitianos e Venezuelanos). Parte-se da análise da relação entre migração e trabalho, na qual abordamos as características socioeconômicas do território paranaense alicerçado no estudo denominado “Vários Paranás” (2017), do Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (IPARDES), auxiliando-nos a compreender o que faz os municípios paranaenses serem atrativos para migrantes, especialmente a partir dos anos 2010. Enfatizamos a dinâmica produtiva dos frigoríficos como fazendo parte de espaços econômicos relevantes. Com vistas a dar destaque aos sujeitos do processo migratório - ou seja, os migrantes. A pesquisa teve como procedimentos metodológicos: a) discussão de um arcabouço teórico-metodológico sobre a problemática da investigação, b) trabalho de campo realizado entre 2020 e 2022, a partir da execução de entrevistas com migrantes haitianos residentes nos municípios de Cascavel, Coronel Vivida, Curitiba, Londrina, Maringá e Toledo. Defendemos a existência de territórios do trabalho dos migrantes haitianos no Paraná, a saber: Oeste e Sudoeste, Norte e Leste. Esses territórios se constituem não somente como espaço voltado ao trabalho, mas também como espaços de resistência, construção e luta coletiva em busca da melhoria das condições de vida dos migrantes.

**Palavras-chave:** migração, trabalho, haitianos, Paraná.



Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. CC BY - permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original.

**ABSTRACT:** Haitian migration to Brazil, of a transnational nature, stems from various explanatory factors rooted in the French colonial heritage and, later, in the political-economic ties with the United States, historically situating Haiti as a country of emigration. In Paraná, the influx of Haitians marks the largest migratory movement in decades. The dispersal of the Caribbean population occurred across various regions of the state, gaining significant momentum, and sharing a common goal of seeking employment and improved living conditions. Therefore, the objective of this article is to investigate the State of Paraná as a migrant territory amidst contemporary migrations that have drawn migrants from the global south (particularly Haitians and Venezuelans) to this area. We initiate our analysis by examining the relationship between migration and employment, delving into the socioeconomic characteristics of Paraná based on the study titled "Vários Paranás" (2017), conducted by the Paraná Institute of Economic and Social Development (IPARDES), aiding our understanding of what has made Paraná municipalities appealing to migrants, especially since the 2010s. We highlight the productive dynamics of meatpacking plants as integral components of significant economic hubs. To shed light on the protagonists of the migratory process—namely, the migrants—the research employed the following methodological procedures: a) discussion of a theoretical-methodological framework concerning the research issue, b) fieldwork conducted between 2020 and 2022, involving interviews with Haitian migrants residing in the municipalities of Cascavel, Coronel Vivida, Curitiba, Londrina, Maringá, and Toledo. We assert the existence of work territories for Haitian migrants in Paraná, namely: West and Southwest, North, and East. These territories not only serve as spaces dedicated to work but also as arenas of resistance, construction, and collective struggle aimed at enhancing the living conditions of migrants.

**Keywords:** migration, labor, haitians, Paraná.

**RESUMEN:** La migración haitiana a Brasil, de naturaleza transnacional, se deriva de varios factores explicativos relacionados con la herencia colonial francesa y, posteriormente, con los vínculos político-económicos con Estados Unidos, lo que históricamente ha situado a Haití como un país emisor de emigrantes. En Paraná, el flujo de haitianos constituye el mayor

movimiento migratorio en décadas. La dispersión de la población del país caribeño se ha producido en diversas regiones del Estado, adquiriendo una gran amplitud y teniendo como elemento común la búsqueda de empleo y mejores condiciones de vida. Por lo tanto, el objetivo de este artículo es investigar el Estado de Paraná como un territorio migratorio en medio de las migraciones contemporáneas que han atraído a migrantes del sur global (especialmente haitianos y venezolanos) a esta región. Partimos del análisis de la relación entre migración y trabajo, abordando las características socioeconómicas del territorio paranaense según el estudio titulado "Vários Paranás" (2017), del Instituto Paraná de Desarrollo Económico y Social (IPARDES), lo que nos ayuda a comprender qué hace atractivos a los municipios de Paraná para los migrantes, especialmente desde la década de 2010. Destacamos las dinámicas productivas de las plantas de procesamiento de carne como parte de espacios económicos relevantes. Con el fin de resaltar los actores del proceso migratorio, es decir, los migrantes, la investigación empleó los siguientes procedimientos metodológicos: a) discusión de un marco teórico-metodológico sobre el tema de investigación, b) trabajo de campo realizado entre 2020 y 2022, basado en entrevistas a migrantes haitianos residentes en los municipios de Cascavel, Coronel Viveda, Curitiba, Londrina, Maringá y Toledo. Defendemos la existencia de territorios laborales para los migrantes haitianos en Paraná, a saber: Oeste y Suroeste, Norte y Este. Estos territorios no solo sirven como espacios dedicados al trabajo, sino también como áreas de resistencia, construcción y lucha colectiva en busca de mejorar las condiciones de vida de los migrantes.

**Palabras Clave:** migración, trabajo, haitianos, Paraná.

## INTRODUÇÃO

A partir dos anos 2010, o Paraná se consolidou como um destino preferencial da migração haitiana. Para além de municípios como Curitiba, Cascavel, Pinhais e Maringá, que detêm grande parte da população proveniente do país caribenho, observamos uma espacialização dos haitianos pelo Estado, em municípios pequenos como Itapejara D'Oeste e Cafelândia. A oferta de trabalho em atividades do setor agroindustrial, notadamente naquelas ligadas à linha de produção e às atividades correlatas, se destacam dentro da dinâmica do emprego formal dos migrantes.

Para o entendimento da migração haitiana, é necessário considerá-la como um fenômeno de natureza transnacional, pois não se explica somente pelos fatores atrativos brasileiros (a partir da oferta de trabalho no Centro-Sul e pela facilidade de acesso a documentação), mas por uma série de fatores internos e externos que dão o tom dos mecanismos da migração haitiana, a qual, nos anos 2010, encontrou no Brasil mais uma possibilidade.

Historicamente, o Haiti foi considerado como um país de emigração, a partir da construção de relações dependentes e subalternas com nações como a França e os Estados Unidos. A diáspora se converteu então como um importante elemento do país, alicerçando-se a partir de um projeto de âmbito familiar que fomenta a sua economia de fora para dentro.

Assim sendo, a diáspora, o terremoto de janeiro de 2010, a fragilidade do Estado haitiano, as relações internacionais brasileiras visando a um maior peso no cenário geopolítico internacional, o momento econômico brasileiro nos anos 2010 com grande oferta de emprego no setor agroindustrial, o enrijecimento da política migratória dos Estados Unidos e países europeus e outros aspectos corroboraram para o atual cenário (2023) da migração haitiana no Brasil ou para que o país tenha se tornado um destino possível, mas não necessariamente o desejado, para a população haitiana que migra.

No período de 2010 a 2021, houve 167.416 registros de haitianos no Brasil. Desses, 28.878 ocorreram no Paraná, em menor intensidade somente do que em São Paulo e Santa Catarina (SISMIGRA, 2021). Em 2018, as principais ocupações formais dos migrantes haitianos no Paraná eram Magarefe, Alimentador de Linha de Produção, Retalhador de Carne, Abatedor e Armazenista. Do mesmo modo, os principais setores de atividades econômicas com emprego dos migrantes eram Abate de aves, Abate de suínos, Restaurantes e similares e Construção de edifícios (Brasil, 2018).

É nesse bojo que o Paraná se tornou um dos estados mais atrativos para os migrantes haitianos, a partir da oferta de trabalho no setor agroindustrial, na construção civil e no setor terciário. Com diferentes dinâmicas em suas distintas regiões, esse estado é um dos *lócus* da reprodução da migração haitiana no Brasil.

Debruçamo-nos sobre essa temática há algum tempo, inicialmente investigando a relação entre a migração e o trabalho dos migrantes haitianos em Cascavel, onde os frigoríficos apareceram como ambiente atrativo para a utilização da força de trabalho dos migrantes (Nunes e Antonello, 2020). Do mesmo modo, analisamos o tema em questão dentro do contexto das migrações contemporâneas, permitindo-nos afirmar a existência de um Paraná migrante, com novos contornos populacionais e com a expressividade do fenômeno em vários municípios do interior do estado (Nunes e Antonello, 2023).

Pensando nesse contexto, Antunes (2010) argumenta que, na sociedade contemporânea, o estranhamento do trabalho encontra-se preservado em sua essência, a partir de uma subjetividade

emergente nas esferas produtivas estranhadas com relação ao que se produz e a quem se produz. Assim, as personificações do operariado ideal passam pelas aspirações e pelos anseios do capital. “Se assim não o fizerem, se não demonstrarem essas “aptidões”, (“vontade”, “disposição” e “desejo”), trabalhadores serão substituídos por outros que demonstrem “perfil” e “atributos” para aceitar esses “novos desafios” (Antunes, 2010, p. 130).

No universo do trabalho migrante no estado do Paraná, essas mesmas aptidões são aquelas colocadas como indispensáveis para a um “recomeço”, uma “volta por cima”, uma “segunda chance” daqueles que oferecem a sua força de trabalho. Busca-se o domínio da subjetividade operária, de modo a atuar na alienação do sujeito diante do trabalho.

Por isso, a partir de uma série de evidências empíricas, quantitativas e da pesquisa de campo, defendemos a divisão do Paraná em três territórios do trabalho: Oeste e Sudoeste (polarizado por Cascavel, Toledo e Pato Branco), Norte (polarizado por Maringá, Londrina, Cambé e Rolândia) e Leste (polarizado por Curitiba). Os territórios Oeste e Sudoeste e Norte apresentam similaridades quanto à dinâmica da inserção no mercado de trabalho, com forte ligação a ocupações em frigoríficos, na construção civil e em atividades correlatas. O território Leste caracteriza-se por uma prevalência das atividades do setor terciário, a partir do adensamento populacional de Curitiba.

Nessa realidade, evidencia-se a questão da inserção laboral dos migrantes haitianos no Paraná e, consequentemente, das implicações disso, como as condições de trabalho, de moradia e de acesso à educação, haja vista que o trabalho é elemento central que permeia as demais condições para a migração.

Diante disso, o objetivo do presente artigo<sup>1</sup> é a abordar como o Paraná se consolidou como território migrante (no atual contexto da divisão territorial e regional do trabalho e da dinâmica das migrações) que pode ser evidenciado pelas migrações de Haitianos no estado, sendo esta um fato novo.

O arcabouço teórico-metodológico é dividido em duas partes: a) a discussão sobre Paraná como sendo território atrativo para os migrantes, especialmente a partir dos anos 2010. Enfatizamos a dinâmica dos frigoríficos como fazendo parte de espaços econômicos relevantes, como também situamos a discussão dentro da temática do trabalho como elemento de subordinação do trabalhador à dinâmica do capital. b) Apresentação de resultados de trabalho de campo realizado entre 2020 e 2022, a partir da execução de entrevistas com migrantes haitianos residentes nos municípios de Cascavel, Coronel Vivida, Curitiba, Londrina, Maringá e Toledo. Essa etapa foi realizada tendo como base a técnica da história oral. O objetivo é abordar a história oral desses sujeitos e, de outro, elaborar

---

<sup>1</sup> O presente artigo é fruto de tese de doutorado intitulada “Migração e Trabalho dos Haitianos no Paraná (2010-2022)”, defendida em 2023 junto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Londrina (UEL).

análises e relações pensando na centralidade do trabalho como fundamento, na migração haitiana no Paraná e seus sentidos, em suas características e desdobramentos. A técnica da história oral nos permite traçar a trajetória de vida dos imigrantes e apreender os elementos cotidianos, a vivência dos migrantes e observar, ao mesmo tempo, similitudes e singularidades desses em território paranaense.

### **O PARANÁ COMO TERRITÓRIO ATRATIVO E COMO POSSIBILIDADE: Os frigoríficos e a inserção precária dos migrantes no mundo do trabalho**

De acordo com o Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (IPARDES), o Paraná é um estado complexo e diversificado, sendo, ao mesmo tempo, farto quanto às suas potencialidades, de um lado, e concentrado e desigual, de outro (IPARDES, 2017). Nas últimas décadas, passou por uma série de transformações em sua estrutura populacional, socioeconômica, ambiental e em outros campos.

No que concerne os aspectos socioeconômicos, a partir dos anos 2000, o Brasil (e o Paraná) foi marcado pelo “*commodities consensus*”, uma conjuntura econômica e social que atuou na reprimarização das economias dos países da América Latina, tendo como grande foco a produção baseada na monocultura e na exportação, atividades ligadas ao agronegócio (como a agricultura e a pecuária), à mineração e ao extrativismo (Svampa, 2015).

Já em relação à estrutura populacional, em meados do século XX, no Paraná vivenciou-se uma intensa movimentação populacional proveniente das migrações. Nos anos 1960 e 1970, devido à modernização da agricultura, com a expansão da monocultura, as áreas rurais (até então mais populosas) perderam seus habitantes, que migraram para cidades com características mais atrativas, consolidando-se a urbanização. Ao mesmo tempo, São Paulo e a nova fronteira agrícola (nos estados do Centro-Oeste e Norte do país) atraíam grandes contingentes populacionais provenientes do Paraná. O processo de desconcentração espacial da indústria atraiu a população novamente para o estado, havendo inclusive um processo de migração de retorno (Magalhães; Cintra, 2012).

Essa conjuntura de variadas dimensões resultou num novo cenário para as migrações recentes no Paraná, havendo especialmente a atração de migrantes internacionais para esse território. Entre 2000 e 2022, as nacionalidades com mais solicitações de registro migratório no Paraná foram do Haiti (29.285), da Venezuela (17.636), do Paraguai (14.728), da Argentina (5.810) e da Colômbia (4.382) (Sismigra, 2022). Constatamos uma predominância, nas cinco primeiras posições, de países provenientes do Sul global. Ademais, as nações com mais registros (Haiti e Venezuela) têm fluxos migratórios recentes, a partir dos anos 2010. Isso mostra a incorporação de novos migrantes internacionais em um processo inédito quanto à nacionalidade e à intensidade dos fluxos.

Não obstante a isso, quais as razões para esses novos fluxos de migrantes internacionais no estado do Paraná? Uma das razões é a base socioeconômica atrativa para os migrantes, tanto na capital, Curitiba, quanto em outros municípios que são polos regionais, incluindo-se também aqueles adjacentes, que ofertam emprego e condições mínimas de vida que são interessantes aos migrantes.

Interessa-nos contextualizar as motivações para a atração de migrantes internacionais no estado, pois acreditamos que a atual configuração econômico-espacial presente no Paraná contribui para a existência e permanência dos fluxos migratórios recentes. A partir daí há vários fatos novos, a saber: há no território do estado a presença de nacionalidades até então pouco presentes; as motivações estão ligadas ao trabalho em frigoríficos e no setor terciário; a dispersão espacial dos migrantes caminha rumo ao interior do estado, muitas vezes abrangendo municípios pequenos ou médios.

Nesse sentido, o IPARDES (2005, 2017) realizou estudos, conhecidos como “Vários Paranás”, com o objetivo de apreender as dinâmicas econômicas, sociais, ambientais e de infraestrutura das diferentes regiões paranaenses. Salienta-se que são investigações relacionadas à divisão territorial do trabalho no Paraná, de modo a superar visões que tratam as regiões como receptáculos neutros, como simples matrizes espaciais de investimento com fatores atrativos ou a visão da crença exagerada das virtudes do desenvolvimento local endógeno (IPARDES, 2005).

A importância dessas pesquisas se dá pela consideração da inserção das diversas mesorregiões paranaenses em uma separação inter-regional e internacional do trabalho, a partir da divisão social do trabalho como categoria explicativa básica de investigação (IPARDES, 2005). Tal categorização

[...] é a adequada para se estudar as heterogeneidades, hierarquias e especializações intra e inter qualquer escala (regional, nacional, internacional). Capaz de revelar as mediações e as formas concretas em que se processa e manifesta a reprodução social no espaço, expressa a constituição socioprodutiva interna e suas possibilidades (e a efetividade) de inserção no contexto maior, isto é, sua posição em uma relação hierárquica superior. (IPARDES, 2005, p. 10)

Os estudos realizados elucidam, para além das classificações já conhecidas (como a das mesorregiões do estado, cunhada pelo IBGE), a existência de espaços de densificação e de concentração de capitais, de mercadorias, de pessoas e de informações no estado. Esses espaços foram chamados de “espaços econômicos relevantes” (IPARDES, 2005). Concentram, além da população, atividades agropecuárias, industriais, universidades, institutos de pesquisa e outros critérios utilizados no estudo. Dividiram-se os espaços econômicos relevantes, assim como foram consideradas espacialidades socialmente críticas, por apresentarem índices de pobreza em altos níveis e de fomento de atividades produtivas em baixos níveis. Essa classificação se baseou, inicialmente, no Valor

Adicionado Fiscal (VAF)<sup>2</sup> dos municípios do Paraná, indicador que permite mensurar a participação de cada município na economia estadual.

Há, desse modo, no Paraná, espaços dinâmicos e concentradores que são incorporados à economia mundo de maneira robusta, ao mesmo tempo em que há espaços não interligados, ou, quando conectados, o são de maneira intermediária na esteira do processo de desenvolvimento desigual do capitalismo, com indicadores sociais que revelam especialmente carências.

Quanto aos espaços econômicos relevantes,

Tal denominação deriva do entendimento da existência de municípios de determinada localização espacial, próximos ou em contigüidade, com maior geração e agregação de valor em todos os setores econômicos, ou em algum segmento específico – indicando elevado grau de especialização –, se comparados aos demais municípios do Estado. (IPARDES, 2005, p. 73).

São três os espaços econômicos relevantes no Paraná. O primeiro se caracteriza pelo adensamento populacional centralizado em Curitiba, tendo dois polos em suas pontas: os municípios de Ponta Grossa e Paranaguá. Esse espaço tem uma história de concentração econômica, sendo responsável por 46,5% do VAF estadual em 2013, ao passo que Curitiba, Pinhais e Araucária geraram, respectivamente, 17,24%, 8% e 7,85% (IPARDES, 2017).

Os setores de serviços, de indústria, de comércio e de construção civil são os destaques desse espaço. Em 2013, foram responsáveis por 29,99% do VAF de Serviços, 64,89% do VAF Industrial; 50,35% do VAF do Comércio e por 49,35% do VAF da Construção Civil (IPARDES, 2017).

O segundo espaço econômico relevante é aquele que compreende Maringá, Londrina e os municípios adjacentes, os quais, em 2013, produziram 15,64% do VAF estadual. A atividade industrial e agropecuária (com grãos de verão e avicultura de corte) são o destaque no tocante à geração de valor e de postos de trabalho. Além disso, esse espaço ampliou as suas atividades nacionais e internacionais (exportações) nas últimas décadas, embora as entradas e as saídas ainda sejam mais expressivas nas relações internas do estado.

O terceiro espaço econômico de destaque se localiza no Oeste do Paraná, capitaneado pelos municípios de Cascavel e Foz do Iguaçu, tendo um vértice a partir de Cascavel no sentido de Toledo, de Marechal Cândido Rondon e de Palotina, e outro na direção de Foz do Iguaçu, passando por Medianeira e Matelândia.

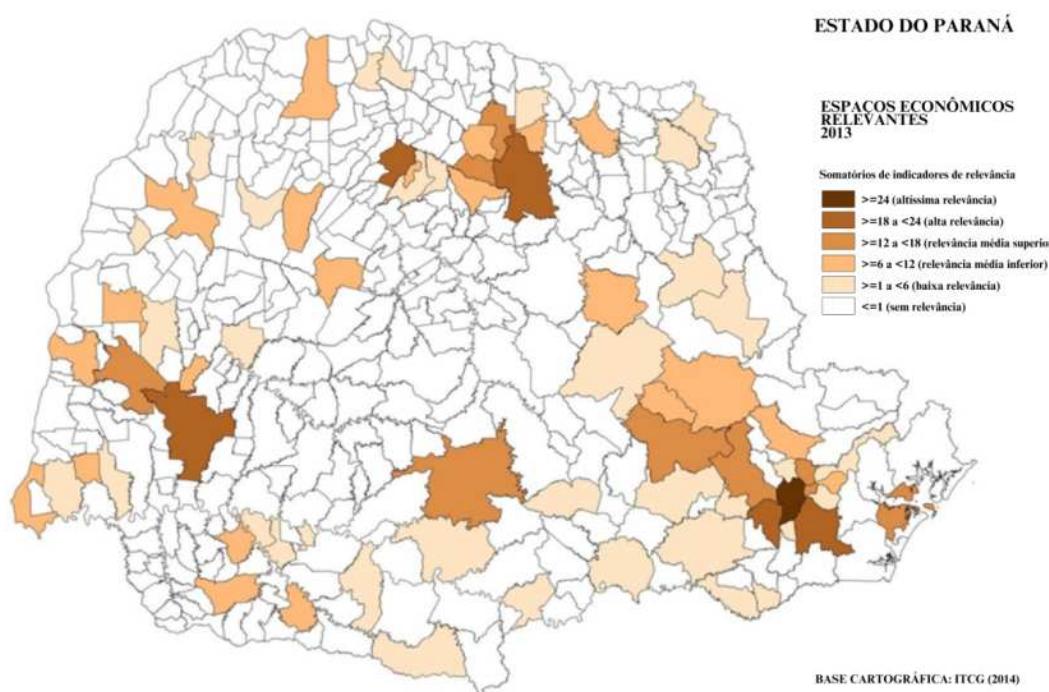
Em 2013, esse espaço foi responsável por 12,8% do VAF estadual, e nele se destaca a indústria alimentar e a de fabricação de bebidas. Quanto à primeira, evidencia-se a produção de aves,

<sup>2</sup> Pode-se definir o VAF “[...] como sendo a riqueza ou ganho econômico decorrente das diversas atividades, objeto do campo de incidência do ICMS, mesmo que a atividade seja alcançada por algum benefício fiscal, isenção ou imunidade.” (Paraná, 2021, s.p.).

suínos, de bovinos e comercial, assim como as silagens e a alimentação de animais para o abate. Há, ainda, nessa espacialidade, a produção de leite integrada ao complexo agroindustrial cooperativista (IPARDES, 2017).

Além dos espaços econômicos relevantes, constatam-se as chamadas espacialidades de relevância, como a porção Sudoeste (tendo Pato Branco, Francisco Beltrão e Dois Vizinhos como âncoras), a Noroeste (com Cianorte, Umuarama e Paranavaí), a Centro-Oriental (com Telêmaco Borba, Jaguariaíva e Arapoti) e a Norte Pioneiro (com Cornélio Procópio).

A Figura 1 expressa os diferentes espaços de relevância supracitados.



**Figura 1** - Espaços econômicos relevantes do Paraná (2013)

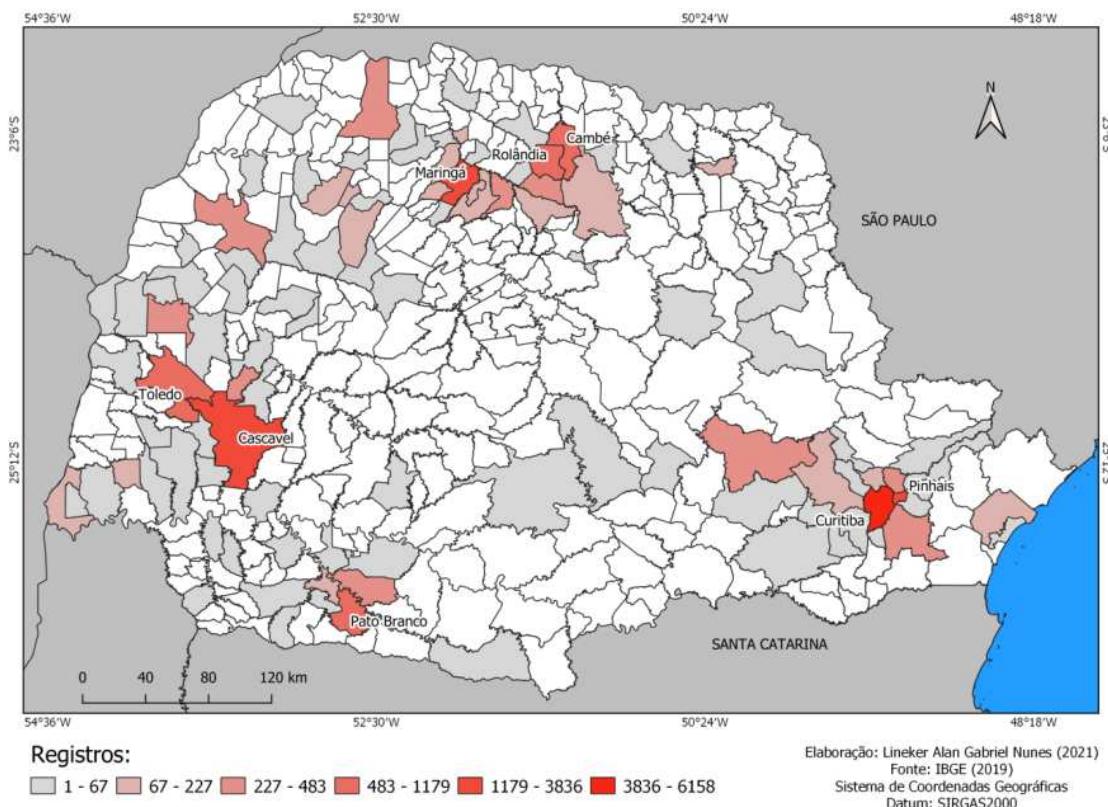
**Fonte:** Adaptado de IPARDES (2017).

O PIB reforça essa conformação espacial dos espaços econômicos relevantes, ao apontar municípios do estado com maiores participações nesse indicador: Curitiba (17,82%), São José dos Pinhais (4,91%), Araucária (4,59%), Londrina (4,29%), Maringá (4,12%), Ponta Grossa (3,54%), Foz do Iguaçu (3,45%), Cascavel (2,87%), Paranaguá (2,48%), Guarapuava (1,51%), Pinhais (1,45%) e Toledo (1,36%) (IPARDES, 2021).

Percebe-se um caráter concentrador na identificação dos três principais espaços econômicos relevantes, que respondem pela maior geração de renda do Paraná. Ao longo do tempo, concentraram 75% do VAF estadual e mantiveram 80% de todos os empregos gerados (IPARDES, 2017). No entanto, ao mesmo tempo em que há uma ampliação dos empregos nas últimas décadas, principalmente nesses espaços relevantes, sabe-se que esse processo aconteceu por meio dos trabalhos de menor qualificação e com baixa remuneração. As atividades agrícolas e as industriais tiveram acentuado crescimento (no 2º e 3º espaços e na porção Sudoeste), com destaque para a produção e corte de aves, porém, seguiu-se um padrão no qual se “[...] ampliou o número de postos de trabalho e a ocupação, mas pela geração de trabalho de menor qualificação e com remuneração mais baixa” (IPARDES, 2017, p. 203).

É nessa dinâmica espacial que houve a migração de haitianos e venezuelanos para o Paraná, principalmente, a partir dos anos 2010, no segundo e terceiro espaços, com uma oferta de trabalho engendrada pelo setor agrícola e industrial (frigorífico, principalmente), e, no primeiro espaço, com oportunidades no setor comercial, de serviços e industrial.

Nesse sentido, é na relação entre migração e trabalho que podemos admitir a existência de um “desenho da migração” que corresponde à busca por postos de trabalho e melhores condições de vida, por parte dos migrantes. Isso aponta para uma configuração espacial que vai ao encontro dos espaços econômicos relevantes e da espacialização dos frigoríficos no Paraná (Figuras 2 e 3).



**Figura 2** - Registros de imigrantes haitianos por município no Paraná (2010-2020)

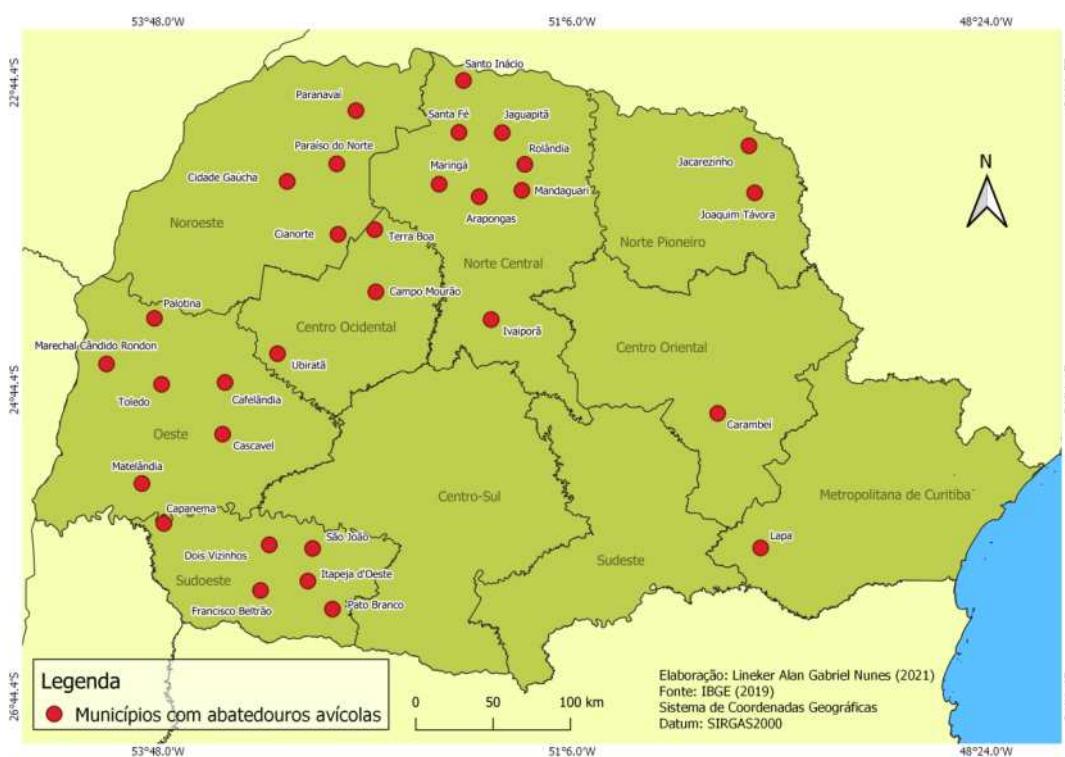
**Fonte:** SISMIGRA (2021).

Em outras palavras, há um processo migratório ligado à oferta de empregos cujos contornos foram sendo delineados a partir da dinâmica do capital no Estado. Os limites migratórios são demarcados pelas atividades produtivas com maior capacidade de absorção de força de trabalho, como pontuaremos na sequência.

Em 2018, as principais ocupações formais dos imigrantes haitianos no Paraná foram: magarefe, alimentador de linha de produção, retalhador de carne e abatedor. Os setores de atividade predominantes, por sua vez, eram o abate de aves e suínos (Brasil, 2018). Constatamos, dessa forma, uma predominância da inserção dos imigrantes haitianos nesse campo do mercado de trabalho. Embora a população migrante seja detentora de uma série de competências e aptidões, a hegemonia na inserção no trabalho está ligada a apenas algumas ocupações.

Inseridos na cadeia produtiva da indústria avícola paranaense, os imigrantes estão expostos a vários constrangimentos, tanto aqueles próprios do processo produtivo (relacionado às pressões físicas

mentais sobre o trabalhador) com vistas à acumulação de capital, quanto os relacionados à sua cor e à nacionalidade (racismo e xenofobia).



**Figura 3 - Municípios paranaenses com abatedouros de aves (2018)**

**Fonte:** IBGE (2019)

Em vista disso, é oportuno caracterizar, mesmo que de modo breve, o trabalho na agroindústria avícola paranaense, de modo a apreender a dinâmica e os riscos à saúde do trabalhador migrante nesse espaço. Neli e Navarro (2013) explicam que, desde os anos 1970, ocorreram intensas inovações tecnológicas nas indústrias de processamento de aves, as quais ganharam destaque na economia nacional. Apesar disso, o trabalho baseado na divisão de tarefas, característico do padrão fordista/taylorista, continua vigente, principalmente nas seções de abate e de corte, em que há baixa inserção tecnológica, pois predomina o trabalho manual.

Soma-se a isso a introdução da lógica toyotista a partir do estabelecimento de metas, do trabalho em equipes e dos circuitos de controle de qualidade. Os elementos fordistas e toyotistas têm sido mesclados a fim de valorizar o capital, abrindo-se as portas da precarização e da superexploração do trabalho dos imigrantes. Antunes (2020) pondera que,

Combinando elementos da organização taylorista/fordista do trabalho com um plano de metas e de envolvimento inspirado nos círculos de controle de qualidade típicos

toyotismo, a agroindústria na avicultura tem conseguido potencializar a exploração da força de trabalho, convivendo com o risco cotidiano de adoecimentos físicos e mentais, ajudando a configurar a nova morfologia do trabalho pautada pela precarização e pela superexploração. (Antunes, 2020, p. 134)

São muitos os riscos apresentados à saúde do trabalhador, sobretudo, no setor de abate e de cortes, em que as atividades são menos automatizadas. Os trabalhadores estão propensos a infortúnios e acidentes de trabalho. Para Neli e Navarro (2013),

Nas últimas décadas, observou-se nessa atividade a intensificação crescente do ritmo de trabalho para cumprir metas diárias de produção. O trabalho na seção de abate e corte é realizado em um ambiente altamente insalubre (temperatura ambiente em torno de 10°C, ruído ensurcedor, muita umidade, odor desagradável, trabalho em pé, em turnos e noturno, etc.). Em virtude da repetição dos movimentos e do ritmo intenso da produção, que oscila de acordo com a necessidade do mercado consumidor interno e externo, a atividade de abate e corte de aves apresenta altos índices de acidentes de trabalho. (Neli; Navarro, 2013, p. 287-288)

Movidos pelo ritmo da esteira, que é gerida pela velocidade do mercado internacional, os trabalhadores nacionais e imigrantes nos frigoríficos estão sujeitos diariamente a acidentes. Entre 2012 e 2020, a ocupação com mais notificações de acidentes de trabalho foi Alimentador de Linha de Produção, com 9% do total de casos. O setor de abate de aves e outros pequenos animais figurou na segunda posição com mais acidentes (6%). Assim, boa parte das notificações de acidentes de trabalho está relacionada ao setor frigorífico<sup>3</sup>.

O que notamos com relação à espacialização dos haitianos no Paraná é justamente essa reprodução social no espaço, que emana de um conjunto de relações econômicas (expresso na divisão internacional do trabalho), políticas (nos contatos diplomáticos entre Brasil e Haiti) e sociais (no desenvolvimento desigual dos países no capitalismo) que relacionam os migrantes haitianos a determinadas atividades produtivas.

Pautados nesse contexto que podemos enxergar os problemas e contradições no trabalho (e nas condições de trabalho) de grande parcela da população haitiana no Paraná, considerando que é nesse ambiente que estão inseridos boa parte dos imigrantes haitianos vinculados ao trabalho formal no Paraná. Esses estão expostos a riscos a partir da dinâmica organizacional do trabalho, submetidos à problemas relacionados à saúde física e mental.

<sup>3</sup> Para fornecer exemplos empíricos, em 2021, na cidade Cascavel, um homem haitiano teve 45% de seu corpo queimado enquanto trabalhava em um dos frigoríficos. Em função da gravidade dos ferimentos, o homem foi levado a um hospital em Londrina (Wronski, 2021). Ainda em 2021, em Bocaiuva do Sul, Região Metropolitana de Curitiba, um homem morreu e outros dois ficaram gravemente feridos após caírem em um tanque de um frigorífico (Hamdar, 2021).

Defendemos a existência de um “desenho da migração haitiana no Paraná”, que delinea os territórios do trabalho dos migrantes no Estado, que são: Oeste e Sudoeste, Norte e Leste, que surgem a partir da dinâmica produtiva dos municípios e mesorregiões e da presença dos migrantes nesse espaço, o que faz com que, frente as dificuldades encontradas pelos mesmos, a busca por trabalho se caracterize como elemento fundamental de sua espacialização no território paranaense. Sendo os migrantes inseridos neste espaço, é de fundamental importância se atentar ao seu ponto de vista quanto à suas experiências, lutas, dilemas e conquistas. Por isso, no próximo tópico apresentaremos resultados de entrevistas de campo realizadas com os migrantes, a fim de buscar compreender com mais amplitude as questões em voga.

### **O MOVIMENTO MIGRATÓRIO NO PARANÁ: A visão dos migrantes haitianos**

Neste tópico abordamos os resultados advindos de entrevistas realizadas com migrantes haitianos no Paraná entre 2020 e 2022. O recorte geográfico para essa etapa se refere aos municípios com mais registros de migrantes haitianos, de acordo com dados do SISMIGRA. Entrevistamos migrantes<sup>4</sup> haitianos representantes de associações, de entidades e de órgãos públicos que atuam com migrantes nos municípios de Curitiba, de Cascavel, de Itapejara D’Oeste, de Maringá, de Londrina, e de Toledo.

A busca por uma visão analítica constitui-se um desafio de grande amplitude. Por isso, não generalizamos os resultados, mas expomos as marcas territoriais dos migrantes apreendidas a partir das “pistas” dos (as) colaboradores(as) nas entrevistas mediante, por meio da técnica da história oral. Por isso, a divisão dos tópicos a seguir contempla os três territórios do trabalho dos haitianos no Paraná: Oeste e Sudoeste, Norte e Leste com entrevistas nos municípios que os compõem.

De um lado, o objetivo é abordar a história oral desses sujeitos e, de outro, elaborar análises e relações, pensando na centralidade do trabalho como fundamento, na migração haitiana no Paraná e em seus sentidos, em características e desdobramentos. Ressaltamos, a técnica da história oral nos permite traçar a trajetória de vida dos imigrantes e apreender os elementos cotidianos, a vivência dos migrantes e observar, ao mesmo tempo, similitudes e singularidades desses em território paranaense, será o foco do próximo tópico deste artigo.

### **OESTE E SUDOESTE, NORTE E LESTE: Territórios do trabalho dos haitianos no Paraná**

---

<sup>4</sup> Na transcrição das entrevistas e na redação do texto, por questões éticas, utilizamos nomes fictícios, mas que são típicos no Haiti, visando se aproximar da cultura haitiana.

A primeira colaboradora entrevistada foi Adeline, de 25 anos, que viveu no Haiti até 2017, quando ingressou no Brasil. Ela conta que veio sozinha e que buscou Cascavel para morar, sendo esse o único município em que residiu no Brasil até então. Ela vive com uma filha de nove anos nascida no Haiti (que veio a se juntar a ela posteriormente) e, no momento da entrevista, em janeiro de 2022, estava grávida de seu segundo filho, faltando poucos dias para o nascimento. O pai de sua primeira filha vive no México. Seu atual marido, pai de seu segundo filho, tinha retornado ao Haiti para resolver problemas particulares e tentar migrar para os Estados Unidos.

Adeline fala cinco línguas (crioulo haitiano, francês, inglês, espanhol e português). Mora em uma quitinete na Zona Sul de Cascavel, onde é vizinha de outros migrantes haitianos e venezuelanos. Durante três anos, trabalhou na Cooperativa Agroindustrial de Cascavel (Coopavel), à época da entrevista trabalhava como auxiliar de serviços gerais em uma empresa de lavagem de carros.

Na entrevista, perguntamos sobre o trabalho na Coopavel. Com relação à sua inserção no mercado de trabalho, relatou que foi “É ... ajudante de é ... fri ... frigorífico” (Adeline, janeiro de 2022, Cascavel, Paraná). Quanto às condições de trabalho nesse frigorífico, ela mencionou:

É ... tem pessoa que tem alergia, sai [inaudível] fria vai no quente. E daí tem muita gente que tá reclamando por isso. Por isso que, que eu não queria ficar lá mais. Mas lá trata bem, só que é por causa de doença, por isso que eu não queria ficar lá mais. (Adeline, janeiro de 2022, Cascavel – PR).

As suas palavras revelam condições insalubres no ambiente de trabalho do frigorífico, principalmente porque muitos funcionários ficam expostos a condições extremas de frio e de calor em diferentes ambientes do processo de produção. Adeline aponta que a sua motivação para não mais continuar nesse emprego foi por motivos de “doença”, a partir dos agravos à saúde gerados pelo trabalho. Quanto a isso, expõe:

É. É porque sai na frio vai no quente, choque térmico. Aham, é por isso. Mas se fosse como que ... um grupo no frio e um grupo fica lá no quente não vai ter nada a ver e a gente vai ficar até ... (Adeline, janeiro de 2022, Cascavel, Paraná).

O grande problema evidenciado por Adeline está nas mudanças constantes de ambiente, sendo necessário ir de áreas frias (câmara fria, por exemplo) para áreas quentes (como a caldeira), o que poderia ser resolvido, segundo ela, se fosse possível ficar em apenas um ambiente.

Quanto aos seus amigos haitianos, perguntamos onde eles estavam trabalhando. Ela nos disse:

Quase todos começar na empresa<sup>5</sup> e depois eles começar estudar e sair, vai lá [inaudível] porque se os haitianos trabalhar na profissão vai ganhar mais dinheiro do que ficar ajudante. (Adeline, janeiro de 2022, Cascavel, Paraná).

Mais uma vez, verificamos que o trabalho nos frigoríficos é quase um sinônimo da inserção laboral dos migrantes. Ao mesmo tempo, há na fala de Adeline uma percepção do descompasso entre a formação e as competências dos migrantes para com o trabalho realizado. “Ficar de ajudante” não é o objetivo, mas sim “estudar”, “sair”, “trabalhar na profissão”.

É possível que, pelo fato da migração haitiana em Cascavel ser mais antiga, do início de 2010, uma integração nos variados âmbitos (educação, trabalho, acesso a moradia, integração cultural, etc) mais expressiva tenha ocorrido. As entidades, tais como a Cáritas, muitas vezes atendem aos migrantes recém-chegados ao novo território. Isso não significa que os migrantes com mais tempo não necessitem de auxílio, mas pode indicar, por exemplo: a) uma maior inserção laboral dos migrantes residentes há mais tempo no Brasil; b) a busca por auxílio entre os pares ou até mesmo em outras entidades; c) a migração para outro território (município, estado ou país).

Com o passar do tempo, a questão migratória se torna mais complexa, pois a integração no território vai acontecer, mesmo que de maneira precária. Por isso, para além dos sentidos da migração (no caso dos haitianos), é necessária a investigação da inserção dos migrantes nos territórios.

No município de Toledo, em maio de 2022, realizamos pesquisa de campo junto à Associação dos Jovens Haitianos que Vivem em Toledo (AJOHAVITO). A instituição foi criada em 2019, sendo contemplada com a permissão do uso de um imóvel (uma casa de esquina) no conjunto São Francisco, já nas proximidades da zona rural do município de Toledo, com base no Decreto nº 621/2019 (Toledo, 2019).

A entrevista não foi feita na sede da AJOHAVITO, mas no salão de cabeleireiro de Evens (localizado no Jardim Panorama), presidente da Associação, juntamente com Wilky, o vice-presidente, e Wilson, que, segundo Evens, chegou ao Brasil há pouco mais de um ano e fala pouco a língua portuguesa.

Evens é encanador e motorista de Van, atividades que exercia no Haiti antes de vir para o Brasil, em 2014. Morou em Pato Branco durante pouco mais de quatro anos e chegou a Toledo em 2018. No Brasil, conheceu a sua companheira, também haitiana (que ele chama de namorada) com quem tem dois filhos, aos quais ele se refere como “piazinhos”.

Evens exerce três atividades: de manhã trabalha, em seu salão de Cabeleireiro, em um ponto comercial no Jardim Panorama, e atende às demandas dos migrantes em suas atividades como presidente da AJOHAVITO; à tarde e à noite trabalha na loja Havan como estoquista. Ele nos disse que chegou ao Brasil por curiosidade, porque queria viajar, além de gostar muito do time do Brasil.

---

<sup>5</sup> Quando Adeline utiliza o termo “empresa”, ela se refere ao frigorífico em que trabalhava.

Wilky é motorista de aplicativo em Toledo (Uber e 99), após trabalhar quase cinco anos na linha de produção de um frigorífico. Chegou ao Brasil em 2016. No Haiti, trabalhava como soldador, função que nunca exerceu no Brasil. Ele reclama da diferença de tratamento trabalhadores nacionais e haitianos nos frigoríficos, pois, por várias vezes, tentou formas de ascensão profissional, mas não obteve êxito, tendo como justificativa o fato de ser estrangeiro. Ele está em busca da naturalização brasileira, haja visto que isso facilitaria a sua vida e o seu trabalho.

De acordo com os entrevistados, o bairro onde estávamos é o que concentra o maior número de migrantes haitianos na cidade, isso porque fica a poucos metros do principal frigorífico do município, pertencente à BRF.

No bairro, observamos uma mistura de elementos culturais haitianos e senegaleses com os já tradicionais elementos culturais da população do município, majoritariamente branca<sup>6</sup>, praticante do catolicismo<sup>7</sup> e com elementos culturais de pertencimento, como igrejas e campos de futebol.

Ao atravessar a rua do salão de cabeleireiro de Evens, havia mais dois pontos comerciais de migrantes, sendo uma loja de roupas que vende inclusive roupas típicas africanas costuradas por um Senegalês que, segundo o dono da loja, da mesma nacionalidade, não estava mais no Brasil (parte “a” da Figura 4). Ao lado da loja funciona outro comércio de cabeleireiro de um haitiano (parte “b” da Figura 4).

<sup>6</sup> De acordo com dados do Censo Demográfico do IBGE (2022), a população total de Toledo, em 2022, era de 150.470 pessoas, das quais 93.351 se declaravam brancas, 6.490 pretas, 694 amarelas, 49.822 pardas e 103 indígenas.

<sup>7</sup> De acordo com dados do Censo Demográfico do IBGE (2010), da população total, 89.033 declararam ser Católicos Apostólicos Romanos e 23.507 das denominações Evangélicas.



**Figura 4** - Fachada de comércio de migrantes em Toledo (PR)

**Fonte:** Trabalho de campo (2022).

Na fachada, conforme a parte “b” da Figura 4, os informes estão em Creoule: “*Nou achete dola; Nou voye mnt pou Haiti; Photo copie; Pastification; Etc...*”<sup>8</sup> e “*Domi pów Leve Riche*”<sup>9</sup>. Há uma tendência de acumulação de funções em um mesmo comércio, sendo um salão de cabeleireiros que aceita dólar, trata de questões de viagens para o Haiti e atua como as tradicionais lojas de impressões no Brasil.

Evens conta que a ideia para a criação da associação partiu do que ele e outros haitianos constataram sobre a não organização dos migrantes haitianos em Toledo, logo que chegaram:

A organização do haitiano, não tá organizado na verdade [...] Antes, eu chamar meu, conhece meu amigo, chegar aqui, conhece já lugar. E eu falar:  
 - Como que tá a organização dos haitiano aqui?  
 - Ah, todo mundo pro lado dele.  
 - Ah, não é assim. E o outro que não fala Português, quem que vai ajudar no lugar?  
 Quem que vai ajudar?  
 Ele fala:  
 - Ah, não tem ninguém pra ajudar.  
 - Precisa alguém pra ajudar a pessoa que não fala, que chegar na cidade (Evens, maio de 2022, Toledo, Paraná).

<sup>8</sup> “Nós aceitamos dólar; Nós enviamos coisas para o Haiti; Fotocópia; Plastificação; Etc...” (tradução nossa).

<sup>9</sup> “Dormir pobre acordar rico” (tradução nossa).

Outras ações desenvolvidas pela associação objetiva possibilitar uma integração mais cidadã dos migrantes, por meio da regularização documental, sendo prestados auxílios para a obtenção do CPF, para a regularização documental na Polícia Federal, para a tradução em hospitais etc. Evens complementa:

E depois nós, através dos irmãos que chegaram na cidade, nós tem um cadastro que nós fazem pra ele. Nós precisa saber quantas pessoa que tá aqui. Aqui se tá organizado, precisa saber quantas pessoa que tá aqui. Eles chegar aqui, nós levar ela lá pra fazer CPF, levar ela pra ajudar pra Polícia Federal. (Evens, maio de 2022, Toledo, Paraná).

No que tange às motivações para a vinda ao Brasil, Wilky nos informa:

Eu saí do meu país 2016 aí quando eu vim pra cá meu objetivo é pra trabalhar. Aí meu país também não tava a trabalhar porque eu sou Soldador. Quanto eu tava trabalhar de manhã soldador, minha escola é mais tarde [...] Ai, mas não tem, não tem um pensamento pra vim morar aqui no Brasil antigamente. Porque nem conheço. Só ... eu gosto time do Brasil. Mas olho na TV, vê como que é o futebol do Brasil. (Wilky, maio de 2022, Toledo, Paraná).

A motivação primária é o trabalho, associado a ideias preconcebidas do Brasil relacionados ao futebol, ao jogo da paz, ocorrido em 2004, e à imagem do de um país acolhedor.

Um outro ponto relevante abordado na entrevista foi a questão do trabalho. Segundo Evens e Wilky, os supermercados e os frigoríficos (eles usam o termo “Sadia”) são os lugares em que há mais absorção da força de trabalho dos migrantes haitianos. A associação, nesse caso, atua como intermediadora entre os migrantes e os empregadores, a partir das demandas locais:

A maioria é ... eu fui atrás do ... do mercado que tá aqui, fui lá no mercado com o gerente. O gerente lá depois passar quem é o responsável, começar a mandar ofício pra ele atender nós também. No mercado depois eu pedi, pedi umas cinco pessoa porque não vai pegar muito. Mandar cinco pessoa que já tá o básico Português já entra no sistema pra trabalhar no mercado [...] A outra (inaudível) empresa Sadia também. Sempre tem dificuldade pra entrar quem não fala. Eu tentar entrar com, falar com o gerente, não o gerente daqui Sadia, gerente de toda Sadia. (Evens, maio de 2022, Toledo, Paraná).

Wilky informou que, desde que chegou a Toledo, trabalhou durante quase cinco anos no frigorífico da Sadia, nas proximidades do Jardim Panorama e do Conjunto São Francisco; fazia isso todos os dias, das 14h30 às 00h30. Essa ocupação se tornou a alternativa possível no Brasil, em função das necessidades básicas, como alimentação e moradia. A respeito do trabalho no frigorífico, ele conta:

mim é bom, porque quando eu chegar aqui eu não falar bem Português. Aí tem que entrar no frigorífico pra melhorar a minha vida. Aí quando eu chegar lá tem como pagar umas coisas pra pagar uma curso pra fazer tudo. Mas é um trabalho bem puxado né, bem puxado. (Wilky, maio de 2022, Toledo, Paraná).

A incorporação trabalhista no espaço frigorífico surge como algo “bom”, mediante a ausência de perspectivas profissionais mais amplas (principalmente nos primeiros meses e anos como migrante, necessários à adaptação ao novo território) a necessidade urgente pelo trabalho como promotor das condições básicas de vida. Ele também reconhece as implicações do ritmo e das condições de trabalho, caracterizando-o como “puxado”.

Quando lhe perguntamos se já se acidentou ou presenciou algo semelhante no trabalho, ele assim se expressa:

Eu já vi isso aí. Tem um meu amigo, ele trabalhava com faca e ele pegar uma peça, ele passar uma faca, quando voltar a faca, a faca fazer isso aqui [mostrando uma faca cortando uma região do antebraço, desprotegida pelas luvas utilizadas usualmente] [...] Tem uma luva que chega até aqui [mostrando parte do antebraço], aí a faca pode pegar tudo aqui [mostrando parte do antebraço e braço desprotegidas]. (Wilky, Maio de 2022, Toledo, Paraná).

Esse relato revela que, mesmo com o uso de EPIs, há riscos à saúde do trabalhador, seja brasileiro e migrante, esse último tornando-se cada vez mais força de trabalho primordial para a cadeia avícola do agronegócio.

Realizamos pesquisa de campo em Coronel Vivida e Itapejara D’Oeste<sup>10</sup>, na região Sudoeste do Paraná, importantes localidades com a presença de migrantes haitianos. De acordo com dados do SISMIGRA (2021), no período de 2013 a 2021, houve o registro de 302 haitianos em Coronel Vivida, e entre 2015 e 2021, 195 haitianos em Itapejara D’Oeste.

Ambos os municípios têm um perfil econômico similar. Por exemplo, quanto às atividades econômicas de Itapejara D’Oeste, segundo dados do IPARDES (2020), no setor da indústria de transformação (com 2.039 empregos totais), o subsetor de Produtos Alimentícios concentrava 57% dos empregos do município (1.583 postos de trabalho). Ao mesmo tempo, as principais ocupações dos migrantes haitianos no município eram Retalhador de Carne, Trabalhador de Avicultura de Postura e Armazenista, e o setor de atividade predominante era o do de Abate de Aves (RAIS).

É importante pensarmos no conjunto populacional de migrantes tanto de Coronel Vivida quanto de Itapejara D’Oeste, pois o trabalho de grande parte desses (mesmo os residentes em Coronel Vivida) é em um frigorífico em de Itapejara D’Oeste, que, desde pelo menos 2013, recrutou migrantes

<sup>10</sup> Em 2022, a população de Coronel Vivida era de 23.331 pessoas e de Itapejara D’Oeste de 12.344 habitantes (IBGE, 2022).

fronteira Norte do Brasil para suprir os postos laborais deficitários na época, iniciando a presença massiva de migrantes haitianos em Coronel Vivida e na região Sudoeste do Paraná.

Em Coronel Vivida, entrevistamos Mackenson, que nasceu em L'Estère, no departamento haitiano de Artibonite, o qual, segundo ele, é um dos grandes responsáveis pela produção agrícola do país, especialmente de arroz e de banana. Foi candidato ao sacerdócio na República Dominicana, além de professor de Creole para cubanos que viviam no Haiti. Em seu país, era casado e teve três filhos, estudou Direito em uma universidade do estado, na qual pagava meia mensalidade. Foi diretor administrativo em seu município, e transferiu-se para o Brasil, dentre outros motivos, por conta de perseguição política. Sobre os deslocamentos dos migrantes, ele conta:

Porque os imigrantes sempre foram atrás aonde que tem pra mudar a vida deles. Entendeu? Sempre foi. E se não tiver aqui, eles é como um passarinho que vai pegar um grãozinho aqui, pegar um folha aqui pra fazer a sua vida. (Mackenson, junho de 2022, Coronel Vivida, Paraná)

No que se refere às motivações para a vinda ao Brasil, ele pontua:

Mas eu tinha uma visão pra entrar no Brasil. Eu entrei no Brasil, mas eu não sabia nada de Português quando eu tava lá no Haiti. Só a gente sabe do futebol do Brasil. O jogador, o time, como que tá a seleção ... até agora, tem umas coisas que eu estou aqui no Brasil. Tem algumas coisa que tá passando da seleção do Brasil. É um haitiano que tá lá no Haiti que tá me ensinando [...] Porque lá mais 80% dos haitianos são torcedores do ... da seleção do Brasil. (Mackenson, junho de 2022, Coronel Vivida, Paraná).

Mackenson migrou para o Brasil, em 2013, por motivos de perseguição política. Na época, havia uma limitação no número de vistos emitidos por ano (apenas 1.200). Além disso, há relatos da atuação de coiotes<sup>11</sup> que mediavam o trajeto. Em muitos casos, a entrada no Brasil ocorreu de forma indocumentada pela fronteira Norte. Acerca desse contexto, ele relata:

E aí começou a conversar e já vai ter coiote que vai começar a mandar gente passar ilegal. Eu quando cheguei aqui no Brasil a burocracia pra ter um visto pra chegar no Brasil ... demora muito, muito. Quase um ano [...] E pessoa que tá sofrendo de perseguição que tá com problema diz que tem que chegar lá no Equador e pegar ônibus vai chegar no Brasil [...] Só pagar um coite. No Haiti esse coiote pagar um que tá no Equador, aquele que tá no Equador pagar um de Peru e por isso a gente gastar mais pra chegar, pra chegar legal. E daí o dinheiro como tem que dividir ... mas dá certo porque tinha um refúgio lá no Acre [...] tinha refúgio também no Manaus, Tabatinga, Manaus tinha. (Mackenson, junho de 2022, Coronel Vivida, Paraná).

<sup>11</sup> Em 2022, a população de Coronel Vivida era de 23.331 pessoas e de Itapejara D'Oeste de 12.344 habitantes (IBGE, 2022).

Mackenson permaneceu no estado do Acre durante 13 dias, mas relata que alguns migrantes ficaram até dois meses no refúgio a espera de oportunidades no mercado de trabalho local ou nos postos do Centro-Sul do Brasil:

Porque quando a firma chegou e procurar pessoa nós tem gente que passou um mês, dois meses mas como é sorteio eu passei só treze dia lá. Treze dia no Acre. E como eu falo espanhol, tem que falar espanhol com eles, dar certo, pegar 56 pessoas e vinha pra trabalhar, mas ... a gente recebeu o salário normal, recebeu cartão de alimentação. Eu recebi tudo certinho. (Mackenson, junho de 2022, Coronel Vivida, Paraná).

A finalidade para a presença no município se deu em decorrência das necessidades de força de trabalho dos frigoríficos da região, pois o migrante, conforme Sayad (1998), é antes de tudo uma força de trabalho. No caso dos haitianos, advindos da periferia do capitalismo, são vistos como mão de obra para as demandas dos diferentes setores do agronegócio.

No relato a seguir, Mackenson evidencia que o trabalho era uma motivação, havendo inclusive exemplificações do porquê, em sua concepção, migrar é importante:

E é pouco, bem pouco no Norte. Bem, bem pouco, porque esses estados não têm tanto serviço, não tem tantas coisa pra fazer [...] Porque os imigrantes sempre foram atrás aonde que tem pra mudar a vida deles. Entendeu? Sempre foi. E se não tiver aqui eles é como um passarinho que vai pegar um grãozinho aqui, pegar um folha aqui pra fazer a sua vida [...] Por isso no começo, se eles ... um falou: - Ah, Santa Catarina o emprego pagar tal. Você tem carteira assinada, você receber bem e você poder trabalhar como líder com o tempo, eles já se manda. Entende? [...] Mas quando chegar, ah como aluguel, as coisa tá mais cara lá ... É verdade que a gente receber bem mas o custo da vida é mais caro, eles tem que voltar. Porque o principal é trabalhar pra ajudar aqueles que estão lá no Haiti. É pra ajudar família. (Mackenson, junho de 2022, Coronel Vivida, Paraná).

A partir de sua concepção, ele diferencia os estados da região Norte do Brasil dos estados do eixo Sul-Sudeste, considerando esses últimos com maior oferta de trabalho e de oportunidades. Estes excertos da entrevista “os migrantes sempre foram atrás aonde que tem pra mudar a vida deles” e “se não tiver aqui eles é como um passarinho que vai pegar um grãozinho aqui, pegar uma folha aqui para fazer a sua vida” demonstram esse sentido inicial da migração haitiana, na busca por lugares que dispõem de trabalho e de condições de sobrevivência.

Do refúgio no Acre, Mackenson foi diretamente para Coronel Vivida, para trabalhar em um frigorífico no município de Itapejara D’Oeste, a 33 km de sua moradia. O seu grupo era composto por 56 pessoas, que, inicialmente, moravam na mesma casa. Ele conta:

assim, no dia pra vir trabalhar, fazer o contrato com a firma [...] É um tratamento ... eu não posso falar que era tão ruim mas não era tão bom também viu, não era tão, tão bom porque a minha turma eles colocaram 56 pessoas numa casa e ... que tinha aqueles banheiro [...] eu fui, briguei, fui na prefeitura, peguei um vereador, ligar pra firma até dividir a gente. Dividir e colocar nós nos apartamento. E como tem que descontar o salário, a pessoa pra colocar o apartamento, não dá pra colocar só uma pessoa. Mas cada apartamento de dois quarto tem que ter cinco pessoas. Um apartamento normal, dois quarto, dois banheiro. (Mackenson, junho de 2022, Coronel Vivida, Paraná).

Ao chegarem a Coronel Vivida, as condições de moradia eram muito precárias. É possível que “aqueles banheiro” sejam banheiros químicos. Esse tratamento direcionado aos migrantes revela a ausência de atenção aos direitos mais básicos dos migrantes, como a moradia. Se a sua função está em sua força de trabalho, tão somente isso interessa aos frigoríficos.

Mackenson relata casos de racismo e de xenofobia no Brasil, inclusive com a morte de migrantes haitianos, fazendo dessa situação uma de suas principais preocupações:

Tem um caso ... no mês de fevereiro, tem um que foi lá pra pedir pra dançar com a mulher, a mulher não quis. E a mulher mandou irmão que era, que é menor matar ele [...] Cuiabá também tem algumas coisa e no Brasil inteiro tem ... tem Porto Alegre também, tem haitianos que, que faleceu [...]. Na região aqui onde, Pato Branco e Coronel só um haitiano que, ele tá com seis anos que uma mulher matar ele. Ele morava lá em Itapejara, trabalhava lá no frigorífico que é Vibra agora e de repente ele pegou a mulher e falou com uma mulher, a mulher deixou o marido e quer casar com ele. Depois ele falou com a mulher que tem filho lá no Haiti, tem esposa no Haiti, vai mandar dinheiro pra entrar esposa e a mulher ficar com raiva e ele tava no banheiro a mulher mata [...] só esse caso que tem na região até agora, que faleceu um haitiano. Ele era meu amigo, sempre eu conversei com ele. (Mackenson, junho de 2022, Coronel Vivida, Paraná).

Mackenson soube de situações dessa natureza e se mostra atento a casos similares em outras partes do Brasil. Suas palavras evidenciam o medo com relação ao racismo e à xenofobia, algo que possivelmente também faça parte do cotidiano de tantos outros migrantes negros em nosso país. Ele ainda relata casos de racismo sofridos no ambiente de trabalho, quando atuou como Técnico em segurança do trabalho, a partir da realização de um curso profissionalizante em uma instituição pública federal em Coronel Vivida:

[...] eu trabalhei na Atlas como técnico de segurança oito meses. Mas de repente tem gente que tava com inveja, que tá com ciúme. E tem quem tava a dizer: - Ah, mas o que é isso? O negrão tá mandando em nós [...], (Mackenson, junho de 2022, Coronel Vivida, Paraná).

Ele não aprofunda, mas ressalta o fator “pele” como um algo que o limita profissionalmente, gerando uma “segregação”. Sem chances no mercado de trabalho para exercer sua ocupação de origem, ele resolveu escrever um livro, chamado *Intercâmbio em 5 idiomas*, com base em seus conhecimentos sobre línguas; trata-se de um guia prático com frases curtas para comunicação em português, inglês, francês, espanhol e créole (Suffrard, 2019).

Outro elemento da entrevista foi sobre as ações da comunidade haitiana em Coronel Vivida. Mackenson fala da integração com a comunidade local, por meio de partidas de futebol e jantares com comidas típicas haitianas, do dia da bandeira, comemorado em 18 de maio, do interesse pela culinária haitiana (a partir dos jantares promovidos) e do “tempero diferente”, uma peculiaridade haitiana.

Em Maringá, entrevistamos dois colaboradores: Joseph, haitiano e secretário de Juventude e Cidadania (SEJUC) do município, e a secretária executiva da Associação dos Estrangeiros Residentes na Região Metropolitana de Maringá (AERM), que é brasileira. Em ambas as falas, ressalta-se a presença do poder público em ações efetivas junto aos migrantes, a partir de parcerias entre a prefeitura municipal e outras entidades. Um exemplo disso foi a criação do Conselho Municipal dos Direitos dos Refugiados, Migrantes e Apátridas de Maringá (CORMA), que tem caráter consultivo e deliberativo e conta com a participação de representantes de órgãos públicos e entidades da sociedade civil. Essa é a primeira iniciativa dessa natureza em âmbito municipal no Brasil.

Joseph, um dos entrevistados, veio para o Brasil, em 2010, com um avião da força aérea brasileira que prestava ajuda humanitária no Haiti, por meio da MINUSTAH. No Brasil, passou por Boa Vista até chegar ao Rio de Janeiro, ficando ali por cerca de um mês. De lá foi para Minas Gerais, onde fez graduação em Agronomia, pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Mudou-se para Maringá, no Paraná, em 2016, com o objetivo de fazer o mestrado em Genética e Melhoramentos, pela Universidade Estadual de Maringá (UEM), instituição na qual continuou seus estudos, no doutorado em Biotecnologia Ambiental.

Ele nos contou que sempre teve atuação social, sendo, segundo ele, um dos primeiros migrantes haitianos na região de Maringá, município em que atuou, por meio da AERM, como tradutor para migrantes haitianos em hospitais, no Centro de Assistência Social (CRAS), em entrevistas de emprego etc. É casado com uma brasileira e tem dois filhos. Informa que deseja ensinar creole e outras línguas para os filhos assim que eles crescerem um pouco mais.

Além disso, é Secretário de Juventude e Cidadania de Maringá, fato inédito no Brasil, pois o município se tornou o primeiro a contar com um migrante ocupando o primeiro escalão da política. Também é pastor de uma igreja evangélica. Sobre a atuação em Maringá, ele relata:

Na verdade, eu atuei mais na questão social. Eu trabalhei como intérprete dos migrantes que ... que chegaram aqui em Maringá porque eu sou até hoje um dos primeiros migrantes a chegar aqui na região. E eu tô aqui desde 2010, quer dizer, tenho 12 anos no Brasil e eu conseguia falar um pouco melhor Português comparando

com os demais que estavam chegando na época. Então, eu traduzi pra eles nos CRAS, traduzi nos hospitais, nas UBSs, nas entrevistas de emprego. Então eu trabalhava 24 horas pra ajudar os migrantes. Eu atuava mais nas questões sociais, questão de atividade esportiva ... Já realizamos campeonatos pra migrantes ... É algo que nós realizamos pra encaixar o migrante no contexto da cidade onde que ele se encontra porque eu passei por isso também, a questão foi muito difícil, a língua diferente ... Pra você montar um ciclo de amizade não é fácil já que você não fala aquela língua e pra socializar mais ... Mas não tinha um trabalho político ou pertencia a um partido político. (Joseph, maio de 2022, Maringá, Paraná).

No que diz respeito às dificuldades dos migrantes haitianos em Maringá (tais como a língua, o trabalho e a educação), Joseph mencionou:

Então, uma das barreira né, você sabe que a educação, a formação ... e sem essas peças a gente fica muito dependente e a barreira do idioma também complica. Por isso nós estamos desenvolvendo políticas públicas e com a parceria de outras instituições e a própria UEM pra dar aula de Português pra os migrante e também tem outras ONGs aqui na cidade que dá aula de graça. Nós temos a Cáritas também que oferece aula de graça pros migrantes. (Joseph, maio de 2022, Maringá, Paraná).

O colaborador considera o idioma como uma barreira para os migrantes no Brasil, por isso, destaca algumas iniciativas para ofertar aulas de português para migrantes em universidades, ONGs e a própria Cáritas, que tem uma ampla atuação nos municípios com maior população no Paraná.

Com relação ao mercado de trabalho para os migrantes haitianos em Maringá, Joseph narra que, até determinado momento, por conta da língua, os postos de trabalho para a maioria dos migrantes eram em frigoríficos, mas, com um maior domínio linguístico, além de outros aspectos (como a qualificação), há uma maior diversificação dos postos de trabalho ocupados por migrantes haitianos. Nesse sentido,

Então, o acesso ao trabalho muitas vezes é muito difícil porque as pessoas de fato não dominava a língua. Tem alguns cargos que você precisa falar Português. Então isso prejudica muito. Se não me engano, quando lá nos anos de 2015, 2016, até 2017 a grande maioria dos migrantes trabalhavam nos frigoríficos porque que não precisam ... um domínio completo da língua né. Mas hoje em dia com o avanço do domínio da língua e outros aspectos sociais também na sociedade, tem migrante haitianos que conseguem ser empreendedor, que tem pizzaria, que tem restaurante, que tem lanchonete. Então eles já estão se dando bem e um próprio haitiano hoje está sendo um secretário aqui na cidade. Então a educação, ela abre portas. O conhecimento, ele muda o rumo da vida das pessoas. (Joseph, maio de 2022, Maringá, Paraná).

A visão desse colaborador contraria o discurso do haitiano somente como aquele vinculado ao trabalho nos frigoríficos, sendo a mudança no perfil laboral alcançada, segundo ele, por meio de um maior domínio da língua portuguesa e da educação.

Em julho de 2022, em Curitiba, entrevistamos Jean, um jovem haitiano de 28 anos que preside União da Comunidade – Estudantes e Profissionais Haitianos (UCEPH), uma associação voltada às demandas de haitianos em Curitiba, assim como visitamos o Centro Estadual de informação para Migrantes, Refugiados e Apátridas do Estado do Paraná (CEIM), ocasião na qual conversamos com a coordenadora executiva<sup>12</sup> desse Centro, que foi criado em 2016, por meio do Decreto nº 5.232/2016, tornando-se a primeira iniciativa dessa natureza em âmbitos nacional e estadual. Ambas as entrevistas foram realizadas no CEIM. Por isso, a seguir, primeiramente relatamos os aspectos observados durante a visita ao Centro e, posteriormente, consideramos os temas tratados na entrevista com Jean.

Ele nos contou que, durante a preparação para a vida acadêmica universitária, tinha o sonho de cursar Agronomia na universidade pública do Haiti, mas isso não foi possível. A partir do contato de um amigo, sendo que seus pais ajudaram financeiramente, migrou para o Brasil, Jean informou-se sobre a possibilidade de estudar e viver em nosso país. Nas palavras dele: “Quando eu cheguei aqui, na primeira semana, já percebi, era contrário que ele falou que tá tudo bem questão trabalho, sociedade, faculdade. Ai eu tô aqui uma semana eu já revolto com ele.” (Jean, julho de 2022, Curitiba, Paraná)

Ele contesta as visões que defendem que, no novo território, ao migrante seria necessário tão somente trabalho, por isso, argumenta que o acesso ao ensino superior é outra demanda dos migrantes, que buscam afirmação e capacitação no Brasil. Vemos mais uma faceta da migração haitiana no Paraná, que, de maneira geral, se caracteriza pelo trabalho como sendo o motivador e responsável pela permanência. No entanto, seria um reducionismo ignorar essa outra face, mesmo que, infelizmente, ainda tenha menos peso quanto ao lugar do migrante na sociedade paranaense.

São, desse modo, vários os atores (estudantes, estudantes trabalhadores, intelectuais, professores, imigrantes em cargos públicos) atuantes na busca por mais mecanismos de acesso à educação e de consolidação da presença dos migrantes nas universidades. Percebemos as potencialidades da população migrante quando ela se mobiliza em busca de afirmação. Além daqueles que fazem vestibular especial, Jean informa que, sob a orientação da Associação, muitos estudantes prestaram o concurso vestibular regular:

Nos anos seguintes, nós orientamos muitos imigrantes pra entrar nesse processo também pra fazer vestibular igual todos brasileiros. E temos muitos que estão estudando na universidade, fazer o vestibular normal. (Jean, julho de 2022, Curitiba, Paraná).

Dentre as ações da associação dentro da universidade, Jean explica que foram ofertados cursos de creole e história e cultura da região caribenha aos participantes, pertencentes à comunidade interna universitária:

---

<sup>12</sup> Não houve a possibilidade de gravação da entrevista por conta da necessidade de autorização da SEJUF do Paraná.

Tínhamos um curso lá que é um curso de creole e história e cultura da região do Caribe. Tivemos três semestres e tinha muitas pessoas que era professores da universidade, que era aluno de doutorado, mestrado que fazia esse curso e quem dava essa aula era nós dentro da universidade. Isso já serve como horas formativas pra nós. (Jean, julho de 2022, Curitiba, Paraná).

Também em Curitiba entrevistamos Willy que à época (2022) tinha 36 anos. É natural da cidade de L'Estère, no Haiti. Filho único, é cantor e conta que, desde criança, se interessou por música, participando de corais e atividades culturais diversas em seu país de origem. Ainda no Haiti, estudou o que ele classifica como técnico em jornalismo. Sobre o Haiti, ele dá uma lição:

[...] nós somos um país, primeiro república negra do mundo, uma história forte, porque se o Brasil, o resto do mundo conhece a liberdade, por causa de nós. Nós dá uma lição. Nós dá uma lição ao mundo, aprender o que que é liberdade. (Willy, julho de 2022, Curitiba, Paraná).

Veio para o Brasil, em 2012, por meio da fronteira no Norte do país, de onde partiu para Manaus e ficou ali durante alguns meses. De lá foi para Pato Branco, onde trabalhou em uma indústria de fogões. Depois de alguns meses, foi para Curitiba, já em 2013, onde reside até o momento (2022). Ele relata que a música o impulsionou nos deslocamentos no Brasil, a partir de projetos com outros haitianos, embora tenha exercido outras ocupações, como a de vendedor de roupas, quando chegou em Curitiba.

Em julho de 2022, entrevistei-o em seu ponto comercial; no som ambiente, tocavam músicas sertanejas brasileiras. Willy se diz um grande entusiasta desse estilo, por isso, lançou músicas desse gênero cantando em português e participado de aberturas de shows de artistas conhecidos no meio sertanejo.

Segundo ele, a música o aproximou da Associação para a Solidariedade dos Haitianos no Brasil (ASHBRA), da qual é vice-presidente. Em uma de suas atividades artísticas, conheceu a presidente da Associação e, desde então, tem colaborado em ações culturais, sociais e políticas.

Willy mora no Boqueirão, mas tem um ponto comercial no bairro Cajuru, um comércio de bebidas que congrega também uma mercearia. À época da entrevista, estava há um mês nesse local. Antes, tinha outro comércio semelhante no Boqueirão, porém, devido à alta no preço do aluguel, mudou-se para o Cajuru.

Quanto à sua trajetória no Brasil, Willy passou por situações comuns aos que se deslocaram nos primeiros anos da migração haitiana no Brasil. Ainda em 2012, em Manaus, uma amiga haitiana o apresentou à música sertaneja, que despertou seu interesse e o fez ver uma visão do Brasil diferente daquela comumente exposta internacionalmente. Ele relata:

Sabe por que que ela me apresentou? Porque eu no meu pensamento, desde lá no Haiti, o povo haitiano seja o que for, acha que o Brasil é samba e futebol né. Então, samba é mais, tem maior divulgação fora do Brasil. Então, todo mundo sabe o samba, samba... (Willy, julho de 2022, Curitiba, Paraná).

De Manaus, Willy se mudou para Pato Branco, no Sudoeste do Paraná, a partir de uma oportunidade de emprego. Ali ele fez amigos do Haiti e propôs a formação de uma banda:

Eu fui pra Pato Branco, consegui um emprego, fui lá. Então de repente quando tava lá a gente continuar conversando. Falei: - Então, vamo morar junto pra gente montar, fazer alguma coisa cultural pra mostrar que nós tem talento, não é só vem pra trabalhar, só pra estudar só, mas vamo fazer a parte cultural também, porque o Brasil é país cultural também igual como nós, vamo fazer uma coisa assim, (Willy, julho de 2022, Curitiba, Paraná).

É importante quando ele afirma que “não é só vem pra trabalhar, só pra estudar”, o que revela um antagonismo à ideia reificada dos migrantes como sendo única e exclusivamente força de trabalho para atender às demandas de determinados setores brasileiros e internacionais. Pelo contrário, ele defende que são múltiplas as esferas de atuação dos migrantes.

As associações são um importante meio de afirmação e de consolidação da comunidade haitiana nos municípios. Elas têm um papel de grande relevância, pois destacam para a sociedade local a comunidade migrante, de modo a promover a integração desses sujeitos em variadas áreas, além de servir como um meio acolhimento e proteção diante de possíveis casos de violação dos direitos humanos, questões raciais, trabalhistas etc. Além disso, têm um considerável papel de interlocução entre os migrantes, entidades de cunho assistencial e o poder público. Por exemplo, em visitas da embaixadora do Haiti no Brasil em Curitiba, representantes de associações participaram de reuniões com pautas elaboradas com base nas necessidades dos migrantes.

Em Curitiba, existe um debate, com a participação de associações de haitianos e de outras entidades, para a criação de um conselho municipal dos direitos dos imigrantes e refugiados, no âmbito da Câmara Municipal de Curitiba (CMC). Discute-se o enfrentamento a questões como a burocratização para a emissão de documentos, o acesso à moradia, a partir da presença de migrantes em ocupações e que sofrem violência, e aos direitos básicos, tais como saúde, educação e segurança pública.

Em um outro momento, Willy relata que motivações econômicas, aliadas à inconformidade com a política do país, o levaram a migrar, sendo a migração uma estratégia de construção de bens materiais de maneira mais rápida, comparada aos esforços feitos em seu país de origem:

Ah, Haiti vai demorar pra mim conquistar alguma coisa que eu preciso de conquistar em dois anos. Então, por causa da dificuldade política e bagunceira que tem lá então você vai precisar 10, 15 anos, talvez você passar sua vida inteira e não conseguir nenhuma. Então, você escolher de ... então, vamos deixar essas bagunceira de lá fazer política deles, então, vou buscar uma outra vida num outro país. É ... nessa coisa, por isso que o povo são muito, acredita muito na vida fora do Haiti, quer viver em outro país. (Willy, julho de 2022, Curitiba, Paraná).

Referindo-se principalmente aos Estados Unidos, perguntamos-lhes por que a população haitiana se muda para outros países. Ele considera que o motivo é

[...] de emprego, a coisa não tava fácil e também Estados Unidos os haitianos têm muito mais familiar, família, parente porque nós tem muito mais parente nos Estados Unidos. Então, os Estados Unidos aparece mais perto, o pessoal sente que vai ser muito mais tranquilo pra eles lá que o Brasil, porque o Brasil está ainda no crise sem saída até agora. Então, o povo vai sempre aproveitar. Eu ... todo mundo tem desejo, mas eu não gostaria de fazer igual como eles, os outros. Por enquanto eu estou por aqui, tô na luta. Porque cada um tem seu sonho, seu objetivo de ganhar o pão de cada dia do seu jeito né. Então eu tô tentando agora do jeito pra ver se vai dar certo (Willy, julho de 2022, Curitiba – Paraná).

Com relação às dificuldades enfrentadas pela população haitiana em Curitiba, ele destaca aquelas de cunho financeiro:

[...] dificuldade financeira, por exemplo [...] o cara chegou pro Brasil, mas ele tem um parente na França ou ele tem um parente nos Estados Unidos, eles chamam lá e ajudam ou no Haiti mandam pra ele, se ele não conseguir se manter por enquanto ou ele conseguir um emprego já ou ele já tem. (Willy, julho de 2022, Curitiba, Paraná).

Willy menciona que, especialmente na chegada dos migrantes, a rede de apoio é constituída por familiares no Haiti ou aqueles que são migrantes em outros países, como Estados Unidos ou França. Há, desse modo, uma rede transnacional, em uma relação que envolve países, remessas e diferentes condições econômicas e sociais. É possível que, quando não existe a possibilidade de atuação dessa rede, as ONGs, as igrejas e as entidades diversas que atuam com migrantes no Brasil surjam como apoio.

Sobre o racismo no Brasil, Willy informa que nunca foi vítima de racismo, mas que sente algo em situações específicas:

Isso acontece comigo. Eu nunca vivi, nunca fui vítima de racismo de cara a cara, mas eu sente [...] Porque às vezes eu chega, mesmo que o meu carro tava quebrado assim, mas quando eu deixei bem lavado eu cheguei em alguns lugar numa reunião ou você vai fazer um show, não imaginava é você. (Willy, julho de 2022, Curitiba, Paraná).

Conforme seu relato, até mesmo a aquisição de um carro por parte de um migrante haitiano pode ser estranha aos olhos da sociedade brasileira. No mais, Willy conta outra situação de cunho racial vivida quando foi fazer um show:

Já aconteceu ... uma vez teve uma festa e teve o diretor da aliança francesa sentar, eu, ele. O representante da prefeitura, ela cumprimentou o diretor da aliança francesa, não me cumprimentar. Ela cumprimentou as pessoas não me cumprimentou. E depois ela vem ver quem que tava cantando, eu. Ela não me conhece antes, mas aí ela ouvir falar: - Tem o Willy, haitiano que canta sertanejo tal. Ela vem pra me ver. E ela não me cumprimentou, porque ela não sabe que eu Willy que vai cantar. Ela diminuiu o Willy por causa de um preto tá do lado de um branco. Não liga pra esse preto. E depois ela vai ficar encantado com o preto que tava cantando, ela quer tirar foto comigo, ela quer pra mim cantar de novo, falei que não vou, mas eu sou bem educado com ela, não mostrou pra ela que eu tava bem chateado com ela. Mas pra minha boa educação dos meus pais, não fiz o que ela vai querer depois por causa que ela não tava ... ela tava me olhando de um outro jeito. Então, isso pra você ver como que é a realidade quando você ser já escolher de ser imigrante. (Willy, julho de 2022, Curitiba, Paraná).

Mesmo estando em uma situação de destaque e de muita clareza em relação ao que exerceria, constrangimentos que têm natureza na questão racial e migratória ocorreram com Willy do mesmo modo que acontecem diariamente com migrantes haitianos no Paraná e no Brasil. Por isso, é de fundamental importância tratar dessas questões, pois se inserem no bojo de toda uma problemática da migração haitiana no Paraná.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da apresentação dos territórios do trabalho dos migrantes haitianos no Paraná, bem como de suas entrevistas, elencamos as marcas territoriais do trabalho dos migrantes haitianos no Paraná. Dentre essas, a noção de provisoriação (por parte dos migrantes) apresentou-se como uma característica marcante. Contudo, nas trajetórias territoriais, sobressai-se, por outro lado, a permanência.

Todavia, o que determina a permanência (em nossa visão, a partir de relatos dos migrantes)? A disponibilidade de trabalhos que promovam uma integração mais digna, a oportunidades de crescimento profissional (que são mais escassas em locais que tradicionalmente empregam migrantes, como frigoríficos) e o acesso à educação (juntamente com condições de permanência) e aos direitos básicos.

De maneira geral, a permanência está muito ligada ao cenário do trabalho no Brasil em determinado momento. Em períodos de estabilidade econômica, a atração de migrantes é a tendência,

mas, em crises (aliadas ao movimento de flexibilização total do trabalho no Brasil), a tendência é a busca por melhores condições de vida (por meio do trabalho) em outros países.

Assim, os principais elementos observados na integração dos migrantes haitianos no Paraná são: a) o trabalho nos frigoríficos, especialmente no Oeste, Sudoeste e Norte do Paraná; b) a existência de associações de migrantes; c) a relação entre os migrantes com setores religiosos, sobretudo a igreja católica e a igrejas evangélicas, em vários municípios do Paraná, frequentadas majoritariamente por migrantes (necessidade de socializar com nacionais do Haiti, de falar sua língua nativa, a partir de seus costumes). Constatamos, por exemplo, o apoio de igrejas evangélicas locais (com o pagamento de aluguel e auxílios diversos), que reservam horários de celebrações especialmente para os migrantes. Além disso, há nos vários municípios (Toledo, Cascavel e Maringá, por exemplo), pastores e padres haitianos em paróquias de municípios como Cascavel; d) há uma relação entre as entidades de assistência, as associações de migrantes e o poder público (em esfera municipal) com vistas ao encaminhamento dos migrantes para o mercado de trabalho. As empresas de destino são geralmente aquelas ligadas ao setor frigorífico ou à dinâmica industrial local. É o que ocorreu em Cascavel, com o encaminhamento da Cáritas para o trabalho nos frigoríficos, em Maringá, com um mutirão de entrevistas de emprego, e, em Londrina, com o encaminhamento dos migrantes atendidos pela Cáritas para o SINE; e) há elementos que visam à integração social e cultural dos migrantes, juntamente com a busca por trabalho e direitos. As festas em alusão ao Dia da Bandeira do Haiti, em 18 de maio, são um exemplo, havendo em vários casos a apresentação de demandas da população haitiana. Além disso, cita-se a formação de times de futebol formados especificamente por haitianos; f) há, sim, migrantes haitianos qualificados, que optaram pelo Brasil como destino para estudo, por exemplo, embora existam condições estruturais e educacionais do Haiti que também favorecem a busca por outras instituições em outros países, considerando-se a tradição de migração haitiana; g) no cotidiano dos municípios, há elementos que diferenciam os padrões culturais e de consumo alimentar dos migrantes, como é o caso da banana verde, cada vez mais presente em supermercados onde a migração haitiana é expressiva; h) a condição de migrante (independentemente das reais condições de vida vivenciadas no Brasil) é vista no Haiti como um *status* de privilégio social, que possibilita a melhoria das condições de vida tanto dos migrantes no Brasil quanto da família no Haiti; i) há no Paraná a formação de comunidades haitianas nos municípios onde a migração foi/é mais intensa; e j) a questão racial é uma das marcas da migração haitiana no Paraná e no Brasil, estando presente de maneira vívida nos depoimentos dos migrantes.

Os migrantes se constituem como força de trabalho fundamental para os frigoríficos e, mais do que isso, como a pedra angular de uma economia que vê descartabilidade rápida nos trabalhadores, prezando pela rotatividade, pela exploração do trabalho e pela baixa valorização dos trabalhadores. Ligados à economia mundo, em uma relação na qual o Brasil se coloca como o principal exportador de

proteína animal do mundo, o capital vê nos migrantes uma forma de expandir seus níveis de acumulação.

Por isso, há no Paraná uma integração dos migrantes permeada por desafios, mas também por conquistas, a partir de atores conscientes de seu papel e da importância da presença dos migrantes nos diferentes espaços, inclusive naqueles de privilégio. Completada uma década da migração haitiana no Paraná, são notórias as potencialidades desses sujeitos, por meio das ações coletivas organizadas e das ações individuais. Reificados, mas não alienados, os haitianos fazem do Paraná um espaço mais diversificado, buscando romper com amarras da precarização do trabalho e do preconceito racial, em direção à igualdade substantiva.

## REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Ricardo. Trabalho uno ou omni: entre o trabalho concreto e o trabalho abstrato. **Argumentum**, Vitória, v. 2, n. 2, p. 9–15, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/argumentum/article/view/941>. Acesso em: 24 fev. 2022.
- ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão**: o novo proletariado de serviços na era digital. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2020.
- BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **Relação Anual de Informações Sociais (RAIS)**. Brasília: MTE, 2018. Disponível em: <http://bi.mte.gov.br/bgcaged/inicial.php>. Acesso em: 24 maio 2021.
- HAMDAR, Lina. Homem morre e outros dois ficam feridos após queda em tanque de frigorífico, na região de Curitiba. **G1**, 3 de julho de 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2021/07/03/homem-morre-e-outros-dois-ficam-feridos-apos-queda-em-tanque-de-frigorifico-na-regiao-de-curitiba.ghtml>> Acesso em: 18 jul. 2022.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2010**. Brasília: IBGE, 2010. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/saude/9662-censo-demografico-2010.html?=&t=destaques>. Acesso em: 21 fev. 2022.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2022**. Brasília: IBGE, 2010. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/>. Acesso em: 07 mai. 2024.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Paraná – Panorama. **IBGE, 2021**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/panorama>. Acesso em: 19 ago. 2021.
- IPARDES. Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. **Os vários Paranás: estudos socioeconômico-institucionais como subsídio ao plano de desenvolvimento regional**. Curitiba: IPARDES, 2005.
- IPARDES. Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. **As espacialidades socioeconômico-institucionais no período 2003-2015**. Curitiba: IPARDES, 2017.
- IPARDES. Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. **PIB dos Municípios**. Disponível em: <https://www.ipardes.pr.gov.br/Pagina/PIB-dos-Municípios>. Acesso em: 15 abr. 2024.

IPARDES. Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. **Caderno estatístico do município de Itapejara D'Oeste**. Curitiba: IPARDES, 2020.

MAGALHÃES, Marisa Valle; CINTRA, Anael Pinheiro de Ulhôa. **Dinâmica demográfica do Paraná: tendências recentes, perspectivas e desafios**. Curitiba: IPARDES, 2012.

NELI, Marcos Acácio; Navarro, Vera Lucia. Reestruturação Produtiva e Saúde do trabalhador na agroindústria avícola no Brasil: o caso dos trabalhadores de uma unidade produtiva de abate de processamento de aves. In: ANTUNES, Ricardo (org.). **Riqueza e miséria do trabalho no Brasil II**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013, p. 287-304.

NUNES, Lineker Alan Gabriel ; ANTONELLO, Ideni Terezinha. A INSERÇÃO DO MIGRANTE HAITIANO NO MUNDO DO TRABALHO NO MUNICÍPIO DE CASCABEL/PR. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v. 21, n. 78, p. 65–77, 2020. DOI: 10.14393/RCG217852969. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/52969>. Acesso em: 10 maio. 2024.

NUNES, Lineker Alan Gabriel. **Migração e Trabalho dos Haitianos no Paraná (2010-2022)**. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual de Londrina, Centro de Ciências Exatas, Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2023.

NUNES, Lineker Alan Gabriel; ANTONELLO, Ideni Terezinha . UM PARANÁ MIGRANTE: A INSERÇÃO DE NOVOS IMIGRANTES INTERNACIONAIS NO ESPAÇO PARANAENSE. In: NEVES, Diogo Labiak; PINTO, Leandro Rafael (Org.). **A Geografia no IFPR: Ensino, Pesquisa, Extensão, Teoria, Prática e Ação**. 1ed. Curitiba: Editora IFPR, 2023, v. 1, p. 1-168. Disponível em: <https://editora.ifpr.edu.br/index.php/aeitora/catalog/book/113> Acesso em: 10 maio. 2024.

PARANÁ. Secretaria da Fazenda. **Manual do índice de participação dos municípios (IPM)**. Curitiba: Secretaria da Fazenda, 2021. Disponível em: [https://www.fazenda.pr.gov.br/sites/default/arquivos\\_restritos/files/documento/2021-02/Manual%20do%20IPM%20PR%202021\\_VF1\\_Herval\\_REV\\_Felipe\\_REV\\_Paulo\\_site.pdf](https://www.fazenda.pr.gov.br/sites/default/arquivos_restritos/files/documento/2021-02/Manual%20do%20IPM%20PR%202021_VF1_Herval_REV_Felipe_REV_Paulo_site.pdf). Acesso em: 9 set. 2022.

SISMIGRA. Sistema de Registro Nacional Migratório. Microdados 2011-2020. **Sismigra**, 2021. Disponível em: [https://portaldeimigracao.mj.gov.br/pt/dados/microdados/1733obmigra/dados/microdados/401205-sis\\_migra](https://portaldeimigracao.mj.gov.br/pt/dados/microdados/1733obmigra/dados/microdados/401205-sis_migra). Acesso em: 13 out. 2021.

SISMIGRA. Sistema de Registro Nacional Migratório. Microdados 2011-2020. **Sismigra**, 2022. Disponível em: [https://portaldeimigracao.mj.gov.br/pt/dados/microdados/1733obmigra/dados/microdados/401205-sis\\_migra](https://portaldeimigracao.mj.gov.br/pt/dados/microdados/1733obmigra/dados/microdados/401205-sis_migra). Acesso em: 26 abr. 2024.

SUFFRARD, James. **Intercâmbio em 5 idiomas**. 1. ed. Pato Branco: Gráfica Xingu, 2019.

SVAMPA, Maristella. Commodities Consensus: neoextractivism and enclosure of the commons. **South Atlantic Quarterly**, [s.l.], v. 114, n. 1, p. 65-82, 2015. Disponível em: <https://read.dukeupress.edu/south-atlantic-quarterly/article-abstract/114/1/65/3719/Commodities-Consensus-Neoextractivism-and?redirectedFrom=fulltext>. Acesso em: 13 out. 2021.

TOLEDO. Câmara Municipal. **Decreto nº 621, de 11 de setembro de 2019**. Outorga Permissão de uso de imóvel pertencente ao Patrimônio do Município à Associação dos Jovens Haitianos que Vivem em Toledo – Ajohavito. Toledo: Câmara Municipal, 2019. Disponível em: [http://www.toledo.pr.gov.br/sapl/consultas/norma\\_juridica/norma\\_juridica\\_mostrar\\_proc?cod\\_norma=15402](http://www.toledo.pr.gov.br/sapl/consultas/norma_juridica/norma_juridica_mostrar_proc?cod_norma=15402). Acesso em: 19 out. 2022.

WRONSKI, Fábio. Haitiano que teve 45% do corpo queimado enquanto trabalhava na Coopavel segue em estado grave na UTI. **CGN**, 26 de julho de 2021. Disponível em: <https://cgn.inf.br/noticia/475489/haitiano-que-teve-45-do-corpo-queimado-enquanto-trabalhava-na-coopavel-segue-em-estado-grave-na-uti>. Acesso em: 18 set. 2022.

## SOBRE OS AUTORES

**Lineker Alan Gabriel Nunes**  - Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná, Campus Cascavel/PR. Doutor em Geografia pela Universidade Estadual de Londrina (2023). Mestre em Geografia pela Universidade Estadual de Londrina (2017). Graduado em Geografia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Campus de Marechal Cândido Rondon/PR (2013). Possui experiência em Geografia, atuando em escolas da rede estadual de educação do Paraná.

E-mail: lineker.nunes@ifpr.edu.br

**Ideni Terezinha Antonello**  - Possui graduação em Geografia pela Universidade Federal de Santa Maria (1990), mestrado em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe (1994) com a dissertação O camponês Sertanejo e doutorado em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1999) com a tese Metamorfose do Trabalho e a Mutação do Campesinato e realizou aperfeiçoamento no L'institut Des Hautes Études de L'amerique Latine Université de La Sorbonne, IHELA, França, mediante a categoria de doutorado "sanduíche"(CNPq) sob orientação do Prof. CHRISTIAN GROSS. Pós-doutoramento (2015) no IGOT- Instituto de Geografia e Ordenamento do Território/Universidade de Lisboa/Portugal. Bolsista CAPES Processo 1660/14-4. Atualmente é professora associada da Universidade Estadual de Londrina. Tem experiência na área de Geografia Humana, atuando principalmente nos seguintes temas: planejamento urbano e regional, espaço urbano, os novos arranjos urbano-rural, pensamento geográfico, ensino de geografia (literatura).

E-mail: antonello.uel@gmail.com

Data de submissão: 13 de maio de 2024

Aceito para publicação: 07 de dezembro de 2024

Data de publicação: 26 de janeiro de 2025